

CAMPINAS ainda conta com 5 espécies de andorinhas: ornitólogos preparam pesquisa sobre assunto. Correio Popular, Campinas, 19 jan., 1986.

Ornitólogos preparam pesquisa sobre assunto

Campinas ainda conta com 5 espécies de andorinhas

Campinas perdeu o espetáculo proporcionado pelas andorinhas que migravam para a cidade no período do verão, mas é uma das poucas cidades brasileiras onde se pode encontrar as cinco principais espécies nacionais, conforme explica o ornitólogo e professor da Unicamp, Jacques Vielliard. Este é um dos motivos pelos quais está sendo iniciado nesta Universidade um dos raros trabalhos na área em toda América Latina. Trata-se de uma tese de doutorado, que incluirá o estudo da conduta de cada uma das espécies e a pesquisa do grau de parentesco destas com outras da América Latina e do restante do mundo; além da gravação e estudos dos sons emitidos pelas aves.

As espécies

Na "cidade das andorinhas" a espécie mais comum, assim como em todo Brasil, é a de cor preto-azulado, com o peito e a barriga brancos; é menor de todas, pois pesa apenas 12 gramas, em média. A *Notiochelidon cyanoleuca* - ou andorinha azul - e - branco - não forma colônias, mas quando jovem pode viver em pequenos bandos, de algumas centenas, e gosta de fazer seus ninhos sob os telhados e enfrenta sérios problemas, explica Jacques Vielliard, quando os pedreiros resolvem fechar as aberturas do telhado para impedir a instalação de pardais.

Para quem tem andorinhas aninhadas no telhado de casa, não há risco de que os pardais façam seus ninhos no local, explica Vielliard, pois, a espécie que se instalou primeiro não perde nunca o lugar para outra. Mas desalojar os pardais é muito fácil, ensina o ornitólogo: basta fazer barulho durante algumas noites seguidas, o que "vai deixar o pardal desesperado, mas não incomodará as andorinhas". Todavia, se na frente do telhado houver uma árvore, uma andorinha nunca fará seu ninho no local, pois elas fazem questão de encontrar espaço livre pela frente.

A *Progne chalybea* é a prima das andorinhas da norte-americana, é doméstica, também se abriga em telhados e

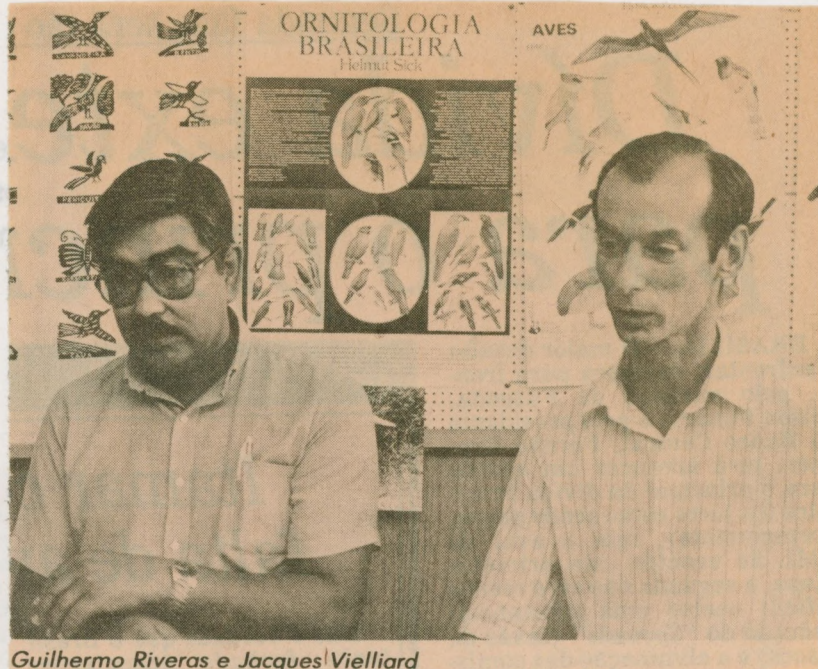
tem um porte grande: cerca de 40 50 gramas cada e sua plumagem é nas cores azulado, marrom e branco. Esta espécie forma pequenas colônias e é mais facilmente encontrada em redor da sede de fazendas, isso porque ela precisa de mais alimentos (insetos) "mas não tem nada contra viver perto dos homens", explica o professor de zoologia da Unicamp, acrescentando que até no ano passado um grupo delas podia ser encontrado na Cidade Universitária. Estas duas espécies vivem o ano todo em Campinas, e algumas outras espécies costumam migrar dentro do próprio Brasil.

Andorinhas rurais

As andorinhas que vivem na área rural são também as mais raras, segundo Vielliard. A *Phaeoprogne tapera*, ou andorinha do campo é uma destas espécies. Ela gosta de grandes gramados com árvores esparsas e em geral vivem isoladas, apenas um casal em um grande território, e normalmente pode ser vista na Unicamp. Para fazer seu ninho, comenta Vielliard, ela costuma utilizar as casas de João-de-Barro.

Um tipo bem silvestre, que constroi seus ninhos em ocos de árvores mortas e é bastante rara, mas que pode ser encontrada nas fazendas da região de Campinas é a *Tachycineta leucorrhoa*, conhecida como andorinha azul de sombrancelhas brancas, sendo bastante parecida com a mais comum de todas. Esta espécie, segundo Jacques Vielliard, gosta de locais que possuam um gramado alagado, e até mesmo um lago, mas em geral vive isolada de outras de sua espécie.

A andorinha asa-de-serra, tem pequenos espinhos nas asas, o que lhe dá o nome por lembrar uma serra. Não é uma espécie rara apesar do nome *Stelgidopteryx ruficollis* e da maneira estranha com que faz seu ninho, normalmente constroi um túnel de cerca de 5cm de diâmetro por 50 cm de profundidade para se instalar no fundo deste buraco feito em barrancos. Esta maneira de morar faz com que elas sejam afastadas na medida em que a cidade se urbaniza.



Guilherme Riveras e Jacques Vielliard



Até 1948, andorinhas faziam revoadas pelos céus da cidade durante o verão



Campinas ainda tem...



...5 espécies de andorinhas

PESQUISADOR estudará canto das aves.
Correio Popular, Campinas, 19 jan., 1986.

Pesquisador estudará canto das aves

Gravar o canto das andorinhas de Campinas, estudar todos os seus costumes, e pesquisar o grau de parentesco com as outras espécies do mundo é o tema da tese de doutorado que Guilherme Marcelo Riveras está iniciando. O trabalho deverá durar cerca de dois anos, segundo explicou, e após este período ele deverá ter escolhido também as informações necessárias para instalar na Universidade de Playa Ancha, no Chile, um laboratório semelhante ao existente na Universidade Estadual de Campinas, e que é dirigido pelo orientador de sua tese, o ornitólogo Jacques Vielliard.

O mundo todo, em especial a América Latina, estudou muito pouco as andorinhas, afirma Guilherme Marcelo Riveras, que veio a Campinas para se aperfeiçoar em bioacústica e decidiu ampliar seu trabalho com um estudo das espécies brasileiras, que são bem mais numerosas que as chilenas. Agora ele começa a fase de campo do seu trabalho, já precedido por uma verificação nos locais onde vivem as andorinhas e obtenção de informações sobre as espécies. Esta parte do trabalho, segundo ele, é bastante delicada, pois o pesquisador precisa de condições, como tempo para observação, pouco ruído (principalmente nas gravações), o que nem sempre é possível, pois às vezes trata-se de uma fazenda ou uma residência, que pode ter, por exemplo, um cachorro bravo.

Uma das principais dificuldades, segundo ele, é localizar as espécies mais raras, sendo que quem souber onde encontrar ajudará muito na pesquisa, economizando tempo do pesquisador, se indicar a localização. Mas observar uma andorinha não é uma tarefa muito fácil, pois além da velocidade com que voa, ela tem características especiais, como a de comer, beber e tomar banho voando, acrescenta ele. A pesquisa visa responder questões básicas na área, como: se todas vivem da mesma maneira, por que se diferenciaram? Qual a sua história evolutiva? Por que algumas espécies emigram?

Canto de andorinha gravação dos sons das andorinhas será uma parte muito importante do trabalho, segundo Jacques Vielliard, pois a partir das fitas gravadas começará um trabalho de laboratório, para, a partir dos fonogramas estabelecer semelhanças e parentescos com espécies, por exemplo. A emissão sonora das andorinhas até hoje foi muito pouco estudada e considerando a semelhança existente entre as várias espécies é muito importante o estudo e avaliação de sua evolução sonora.

A maioria das pessoas conhecem apenas os gritos das andorinhas, mas esta ave tem um canto e bastante interessante, conforme Guilherme Riveras. Porém, face aos poucos estudos realizados até o momento não se sabe sob que condições as andorinhas cantam. Assim, ele pretende determinar também as situações em que o canto acontece, se entre filhotes e pais; se entre casais; ou se na defesa de território.

BANDOS já não existem. Mas ficou a fama.
Correio Popular, Campinas, 19 jan., 1986.

Bandos já não existem. Mas ficou a fama

As andorinhas que atraíam turistas para a cidade, que foram responsáveis pelo apelido que ainda carrega e que entraram para literatura clássica nacional através de personalidades como Rui Barbosa, eram norte-americana, como as que hoje aparecem em São José do Rio Preto. A origem das andorinhas de São José do Rio Preto foi descoberta há dois anos por um pesquisador e o cruzamento de dados levou o pesquisador francês, professor da Unicamp, Jacques Vielliard, a concluir com certeza que se trata da mesma espécie.

Se em São José existe atualmente muita gente tentando expulsar estes visitantes que viajam milhares de quilômetros para chegar até a cidade, em Campinas há quase meio século o assunto provocava polêmica, alguns desejando seu retorno e outros optando pelo seu desaparecimento, justificando com a limpeza da cidade. As andorinhas que marcaram Campinas abandonaram a cidade em 1.948, conforme registra a história, após o então prefeito Miguel Vicente Cury, ter mandado desinfetar e pintar a "casa das andorinhas".

"A gente nunca sabe o que se passa dentro da cabecinha delas. Elas podem não ter gostado do cheiro... e como vivem em bando, se os líderes resolverem ir embora, todas irão", afirma Jacques Vielliard, analisando o motivo pelo qual elas teriam abandonado a cidade. Segundo ele, este pode ter sido um motivo, mas não aceita a sugestão de muitos que apontam o desenvolvimento, a poluição e outros efeitos do crescimento da cidade como razão. As andorinhas não se importam com isso, garante ele, "elas parecem mesmo gostar das concentrações urbanas", onde são seguras contra corujas, gaviões, morcegos, cachorros do mato e outros animais que as atacam, afirma Vielliard. A escassez de alimentos também não se justifica, alega ele, pois elas voam a mais de 100 km /hora e podem com facilidade alcançar a zona rural da cidade.

Elas podem voltar

Todo ano, no verão, quando saem dos Estados Unidos e vem para o Brasil, algumas delas, em pequenos grupos visitam vários lugares e um deles é Campinas. Assim, se encontrarem na cidade boas acomodações, podem se comunicar com o resto do bando e no ano seguinte voltar para a "cidade das andorinhas". É muito difícil de prever se isso acontecerá ou não, explica Vielliard, mas para contar com a possibilidade é preciso que exista na cidade um grande telhado, a exemplo do mercadinho das hortaliças, onde viviam até 1.948.

Afastadas de Campinas pela pintura e reforma de seu abrigo - hipótese mais provável - e não muito bem aceita por parte da população de São José do Rio Preto, em sua terra de origem elas são muito queridas, explica Vielliard, contando que os norte-americanos as consideram o símbolo da primavera, da paz e da felicidade; traçam mapas indicando a região onde elas deverão estar em cada mês, no seu período de reto. As tribos indígenas, para manter estas pequenas aves em suas aldeias preparam cabaças com furos, para que elas se aninhem e não procurem outro lugar para morar.

NO VERÃO, elas "escureciam" céu da cidade.
Correio Popular, Campinas, 19 jan., 1986.

No verão, elas "escureciam" céu da cidade

Campinas tem hoje as pombas do Largo do Rosário e os pardais que à tarde revoam próximo à Prefeitura, mas quem viveu na época em que as andorinhas habitavam o mercadinho das hortaliças — que existia onde hoje está o monumento do bi-centenário — afirma que não há termos de comparação entre os espetáculos. Em geral estas pessoas começam dizendo: "Sobre as andorinhas há pouco pra se falar", mas acabam por se empolgar ao descrever a cena que era vista toda tarde, quando as aves, após acrobacias no céu, se recolhiam todas sob o telhado da construção.

As recordações são incertas na memória dos que presenciaram as visitas das andorinhas, ficando os meses e os anos, não muito bem delineados, como é o caso do historiador Celso Maria de Mello Pupo, mas que consegue transmitir emocionadamente a descrição do céu que escurecia com a chegada de tantas normalistas antes do por do sol. Para ele, os pássaros deixaram de vir a Campinas em função do crescimento da cidade, mas deixaram marcas importantes como o apelido de "A Cidade das Andorinhas" e registros históricos importantes como o que foi feito por Rui Barbosa em 1914.

Pelo tempo em que passaram o verão em Campinas, estas aves provocaram a vinda de muitos turistas; fizeram com que as andorinhas da Escola Carlos Gomes fossem chamadas de "andorinhas"; levaram a cidade a padronizar suas calçadas e posteriormente a lhes fazer um monumento. Até mesmo a demolição do mercadinho das hortaliças, em 1956 causou polêmica na cidade, embora elas já o tivessem abandonado em 1948 e suas funções como mercado tivessem sido transferidas para outras instalações desde 1908.

A presença das andorinhas, embora considerada como um espetáculo de grande beleza, talvez não fosse bem aceito hoje por algumas pessoas, como o historiador Benedito Barbosa Pupo, que considera que se isso acontecer será uma verdadeira calamidade, recordando-se da fachada suja da Escola Carlos Gomes, em função do escremento da aves. Paralelamente, porém, para compensar a sujeito, deve-se considerar o benefício apontado pelo ornitólogo Jacques Vielliard, segundo quem elas seriam um benefício muito grande para a agricultura, uma vez que se alimentam de insetos, realizando assim a função de um inseticida eficiente sem qualquer risco à saúde humana. Um bando de andorinhas, como o que existia, é capaz de comer cerca de 100 milhões de insetos por dia, num raio de 50 km, declara.

A volta das andorinhas, porém, não depende do desejo ou da necessidade que se possa ter delas, mas das próprias aves, pois "o comportamento de um grupo de andorinhas é muito estranho, é assim como uma passeata seguindo seu líder", pondera Jacques Vielliard. Isso abre a possibilidade de que um dia possa ser novamente presenciado a cena que Rui Barbosa descreveu: "Era um, logo após, já são muitos, já vem surgindo inumeráveis, já parecem infinitos..."